

O artigo exerce a funcção de terceira pessoa pronominal objectiva : *Viu-o. Ama-o.*

Esta funcção representa a syntaxe genuina do latim *ille, a, ud.* Dada do latim culto.

O artigo exerce a funcção de demonstrativo : *Os de Lisboa* (em francez *ceux de Lisbonne*).

Esta funcção, que não existia no latim puro, tambem era exercida no antigo portuguez e nos tempos classicos : *Escolha qual melhor lhe parecer* (qual=o que). Nos proprios seiscentistas ainda se observa o uso de *o* como demonstrativo separado do seu complemento : *E como os reis são os a quem mais neste mundo se furta.* (Vieira. A. de furta. 67) Data do portuguez antigo.

Empregos mais notaveis. — Usa-se antes dos nomes proprios para determiná-los: o *Lopo*, o *Antonio*, o *Camões*, o *Tasso*, etc. A *França*; o *Tejo*; etc.

O artigo teria mais adequado uso com os cognomes do que com os nomes; por isso diz-se *o Tasso* (e não *o Torquato*), o *Camões* etc. Da mesma fórma, os italianos dizem *il Tasso* e nunca *il Dante* (como por erro dizemos: o Dante). *Dante* sendo nome proprio não tolera entre elles o artigo; dizem simplesmente *Dante*, ou se proferem o cognome, *l'Alighieri*.

Esta syntaxe tambem é observada com certos limites no portuguez. Dizemos *Jesus* e não *o Jesus*; podemos todavia dizer *Christo*, ou *o Christo*, *do Christo*.

Com os nomes de paizes o artigo não era usado na syntaxe antiga. Dizia-se: *Terra de França*; *nasceu em Italia*, *em Portugal*, *em Castella*. Hoje, o uso do artigo é muito commum. Diz-se: *a França*, *a Alemanha*; comtudo não se diz *a Castella*, *o Portugal*. Os hespanhóes dizem sem artigo *Republica de Chile*, *gobierno de Chile*, etc, sem artigo.

Os nomes de cidades, quando não são appellativos como *Porto*, *Bahia*, *Rio*, nunca levam o artigo: *Pariz*, *Berlim*, etc. Ha comtudo algumas cidades que são nomeadas com artigo: *O Cairo*, *a Méca*, *a Havanna*.

2. Usa-se do artigo antes dos nomes de titulos: *o padre Mathias*, *o Visconde de Porto Seguro*, *o Conselheiro Albuquerque*.

Esta regra soffre modificações determinadas pelo uso. As fórmulas contractas, *frei, dom* não admittem artigo: *Frei José, Dom Antonio*. O titulo *soror* é um puro latinismo e repelle o artigo: *Soror Violante*.

—Convém notar uma influencia da syntaxe franceza. E' um gallicismo a intercalação do artigo nas fórmulas: *Sua Excellencia o deputado; Sua Alteza o Principe; Sua Santidade o Papa*. Estes gallicismos foram adoptados geralmente na lingua para evitar fórmulas menos elegantes, como: *a Excellencia do Sr. deputado; a alteza do Principe*; como manda dizer a vernaculidade. (A. Bello).

3. O artigo usa-se antes dos pronomes e adjectivos possessivos: *meu, teu, vosso, seu, etc.*: *O meu chapéo. O teu carro*.

No estylo familiar póde ser suppresso o artigo: *meu livro*.

Desde os documentos mais antigos nota-se o uso do artigo. Vê-se identica syntaxe nas orações da igreja, de linguagem naturalmente antiga e pura: *Venha a nós o teu reino; seja feita a tua vontade, etc.* Nos antigos papeis officiaes: *a minha real camara; os meus dominios, etc.*

A presença do artigo modifica o sentido. Um grammatico poderia dizer: *a syntaxe é meu dominio* (uma das cousas que estudo) e *a grammatica é o meu dominio* (isto é, tudo e sómente o que estudo).

Vê-se que a locução *o meu* abrange o todo, e *meu* apenas uma parte. D'ahi vem a suppressão do artigo nos dizeres, que exprimem unidade do objecto possuido: *meu estomago, minha cabeça, meu pae, minha mãe, etc.*

4. O artigo tem muitas vezes, com o valor pronominal, uma função obscura e latente, por effeito de ellipse: *Deu as de Villa Diogo*.

Este caso é commum ao das *particulas expletivas*, de que trataremos na occasião opportuna.

5. O artigo omitta-se na enumeração de synonymos e é indispensavel na enumeração de antonymos:

O sol, estrella fixa.
A lua, planeta, astro secundario.
A luz, as trevas, etc. O dia, a noite.

No antigo portuguez até o seculo XIV encontra-se a syntaxe o *um*, analago ao uso francez *l'un* :

E enlegerom dous, o *hum* foi Joseph e o outro Mathias.

Act. dos Apost. C. I, v. 23 *Apud.*—Ineditos de Alcobaca.

LIÇÃO XXXV

Regras de syntaxe relativas ao verbo. Do emprego dos modos e tempos. Correlação dos tempos dos verbos nas proposições coordenadas e nas proposições subordinadas.

Já vimos, em lição anterior, que são varios os complementos.

Os verbos transitivos podem ser empregados como intransitivos : *Estudo, quero e posso.*

Os intransitivos podem ser empregados, ainda que mais raramente, como transitivos :

Dormiu um somno.

Ha alguns casos em que a denegação do intransitivo é um gallicismo *chove improperios ; troveja applausos.* No francez esta syntaxe é admissivel e justificavel pela presença do sujeito apparente : *il.* Em vernaculo, deve-se dizer : *chovem improperios, trovejam applausos ;* os ultimos elementos destes dizeres são os sujeitos do verbo.

O caracter de intransitividade resulta frequentemente de um esquecimento etymologico.

Passear — frequentativo de *passar*, etymologicamente é transitivo. Deve-se e pôde-se dizer : *passear terras estranhas, etc.*

Calar — tambem era transitivo e ainda se usa como tal em certas expressões : *calar o motivo.*

A voz passiva tem um complemento adverbial, regido de *por* : *Foi amado pelos paes.*

A syntaxe latina dava a esse complemento a regencia por *per* ou *ab.* A regencia *per* predominou no portuguez ; porém a regencia *a* — tem alguns exemplos com participios : *morto a pedras, morto a fome.*

A regencia *de* torna-se necessaria com os participios usados como adjectivos : ornado *de* flôres ; crivado *de* settas.

Esta regencia nota-se ainda com os verbos *acompanhar*, *seguir*, *preceder*, *cercar*, etc., cercado *de* soldados ; acompanhado *de* homens ; precedido *de* creanças.

O caracter de *passividade* é menos intenso nas fórmas nominaes do verbo. Ha participios passivos, depoentes, que são usados como activos : homem *lido*, *viajado*, *ousado*, *calado*, etc.

— Ha infinitos que accumulam a funcção das duas vozes ; Deixei *comer* o queijo pelo rato. (Julio Ribeiro.)

E é o que se observa nas expressões já notadas : é de *suppor* (*suppor-se*) é de *ver* (*ver-se*) é de *crer* (*crer-se*), etc.

I.—MODOS E TEMPOS

O presente emprega-se, no indicativo, para exprimir a realidade da acção no momento : *chove* ; os homens *são* mortaes.

O *presente historico* é um recurso litterario proprio para dar realce e vivacidade ao estylo : « E Jesus *toma-o* pela mão e *leva-o* até á margem do lago. » E' apenas um effeito pitoresco da narrativa enunciar no presente o facto passado.

Póde-se tambem empregar o presente pelo futuro : *voa* amanhã.

Perfeito indica a acção realisada : *Parti* ; *sahi do Havre em Junho*.

As fórmas compostas : *tenho sahido*, etc., exprimem a repetição do acto.

O imperfeito indica a acção realisada anteriormente a um momento passado : *Dormia quando chegaste*.

O mais que perfeito.—O portuguez é a unica das linguas romanas em que o *mais que perfeito simples* conserva o sentido primitivo latino. *Amara* (*amaveram*) tinha amado.

Nas demais linguas em que existe o *mais que perfeito*, a sua funcção é simplesmente de condicional ; *amara*, *teria amado*. Esta funcção tambem cumulativamente com a outra, existe na lingua vernacula.

● **futuro** indica que a acção do verbo se realizará depois do momento em que se fala : Tu *adorarás* um só Deus.

O futuro indica a acção relativamente a qualquer tempo nas formas compostas : *Eu hei de fazer o que pedes* ou *pedires, pedias, pediste*.

Esta composição, pois, pelo verbo *haver* é a propria do futuro simples : *amar-hei* (amar-hei).

● **indicativo** exprime o facto real, e o subjunctivo o facto contingente.

O emprego do subjunctivo ver-se-ha melhor tratando da correlação dos tempos.

III. — CORRESPONDENCIA (1)

O *indicativo* mostra que é real o enunciado do verbo : o subjunctivo apresenta esse enunciado como *hypothetico*.

Assim, o verbo da clausula subordinada põe-se no *indicativo* quando o verbo da principal exprime alguma cousa de positivo, de affirmativo ; e põe-se no subjunctivo quando o verbo da principal exprime alguma cousa de indeciso, de duvidoso.

Regras :

1. O verbo da subordinada põe-se no subjunctivo quando a principal exprime maneira de vêr, pensar, etc. : Creio que *serás* bom ; parece-me que elle é doutor.

2. O verbo da subordinada põe-se no *indicativo* quando a principal exprime surpresa, admiração, receio, duvida, ordem : mando que *vás* ; receio que *morrás*.

(1) Em toda esta parte seguimos mais ou menos o texto da Grammatica de Julio Ribeiro, á pag. 264-270.

3. O verbo da subordinada fica no subjunctivo quando o verbo da principal é impessoal ou usado impessoalmente : *importa que fiques ; basta que chegue á hora.*

Esta regra tem excepções ; com os verbos *acontecer, resultar, seguir-se* e com as construcções *é certo que, é logico que, etc.* : *Acontece que tens de vir. É certo que esteve doente.*

4. Quando a clausula subordinada está ligada á principal por um pronome conjunctivo (*que, qual, cujo, etc.*) o verbo será do subjunctivo ou do indicativo, conforme o sentido fôr positivo ou incerto :

O caminho que eu sei.
Um caminho que eu saiba.
Quero o professor que sabe.
Quero professor que saiba.

Note-se que a analyse da phrase póde indicar o modo da subordinação. Com os adjectivos determinativos numeraes *este, primeiro, segundo, aquelle,* o verbo será do indicativo : *é o primeiro dia que passo ; é este que eu quero.* Quando o antecedente do *que* vem determinado pelo artigo definido, em geral o verbo da subordinação fica no indicativo : a doutrina que *sigo, a mais perfeita que conheço.*

5. Depois da conjuncção *se,* a clausula subordinada tem o verbo no indicativo, quando exprime factio positivo : *se estudo pouco, a culpa não é minha.*

Quando a clausula subordinada exprime duvida ou condição fica no subjunctivo : *se eu fosse, tu não irias.*

6. As conjuncções *embora, quer,* exigem o verbo no subjunctivo : *Farei a viagem, quer elle venha, quer não.*

Embora fique doente, trabalha.

Tambem ficam incluídas nesta regra as conjuncções compostas de *que, comtanto que, posto que, ainda que, etc.,* que pedem, em geral, o subjunctivo.

Os demais tempos não offerecem difficuldades de correlação.

Covém notar que o *imperfecto* do indicativo é o tempo que no estylo litterario é empregado para o discurso indirecto (*oratio obliqua*) e para a descripção.

1. « Levantou-se ; disse que *estava* apprehensivo : *sabia* de muitas cousas que até então lhe *tinham* sido escondidas... etc.

2. « E viu e reparou que as flôres *tinham* um doce perfume ; o céu *era* azul, os rios *murmuravam* mansos... etc.

O *presente* tambem é empregado, por effeito pitoresco, no estylo historico e em logar do tempo passado:

« Jesus, ao vêr os cegos e paralyticos, *chega-se* para perto e lhes *fala*, etc. »

LIÇÃO XXXVI

Regras de syntaxe relativas ás fórmias nominaes do verbo

As fórmias *nominaes* do verbo são as que podem exercer a função de nomes, substantivos ou adjectivos.

E são o *infinitivo*, o *gerundio* e os *participios*.

I.—INFINITIVO

O infinito portuguez é dotado da flexão pessoal ; amar eu, amares tu, etc.

Esta particularidade tambem se observa no dialecto galleziano, e constitue um idiotismo da lingua. A flexão do infinito explica-se pela influencia analogica do futuro do subjunctivo, que tem a fórmula identica nos verbos regulares : *quando eu amar, amar eu*, etc.

Emprega-se o infinito pessoal :

†1. Quando tem um sujeito differente do do outro verbo : Admiro-me de *gritares* com tão grande força.

2. Quando é sujeito da proposição : E' triste *definhares* com tão pequeno pezar.

3. Quando ha necessidade de clareza na phrase : Comprei estes livros, meu filho, para *estudares* (tu). Comprei estes livros para estudar (eu).

Ha muitos infinitivos que na lingua estão consagrados como substantivos e são susceptiveis do plural : os *viveres*, o *teres*, os *sêres*, os *haveres*, os *dizeres*, etc.

Por translação o *infinitivo* é usado como imperativo, e ás vezes reduplicado: *trabalhar ! trabalhar, meus filhos.*

Este uso tambem se encontra no castelhano (*Gr. da Acad. hesp.*).

II.—O PARTICÍPIO PASSADO

O *participio passado* é um verdadeiro adjectivo: homem *respeitado*, etc.

1. O participio, como attributo, é variavel, pois concorda com o sujeito: Os verbos são *venerados*.

2. Com os verbos *haver, ter*, o participio é invariavel: tenho *recebido* cartas; havia *comprado* casas.

A syntaxe da lingua antiga e a do seculo XVI era fluctuante e indécisa. Alguns classicos diziam: As cartas que eu tinha *escriptas*, etc. Entre os classicos, semelhante concordancia póde ser explicada como sendo talvez um italianismo.

Nesse periodo Caminha que aliaz adoptava muitas fórmulas archaicas, como *são* por *sou* e *non* por *não*, sempre tornava variavel o participio:

as náos tinha *dadas*.

Entre os participios da lingua portugueza notam-se os curiosos casos do sentido depoente, tão communs no latim. Em portuguez muitos participios de fórma passiva possuem o significado activo:

Homem lido	— que lêu.
Corrido	— que correu.
Viajado	— que viajou.
Ousado	— que ousa.
Calado	— que cala.

Entre o vulgo é commum dizer-se: estou *almoçado*; já veio *jantado*, etc. São os verdadeiros depoentes da lingua.

A terminação dos participios aoristos ou passados da segunda conjugação era em *udo*.

<i>Estabelecudo</i>	— estabelecido.
<i>Sabudo</i>	— sabido.
<i>Conhoçudo</i>	— conhecido.
<i>Retendo</i>	— retido.

Destas fórmulas arcaicas temos os vestígios já mencionados *teúdo*, *conteúdo* e *manteúdo*.

Fórmulas contrahidas de flexão forte, eram abundantísimas nos primeiros tempos e no século XVI :

<i>Despezo</i>	— despendido.
<i>Defezo</i>	— defendido.
<i>Escolheito</i>	— escolhido.
<i>Absolto</i>	— absolvido, etc.
<i>Coito</i>	— cosido.

Ha grande numero de fórmulas semelhantes que ainda estão em uso : *convicto*, convencido ; *extenso*, extendido ; *perverso*, pervertido ; *extracto*, extrahido ; *frito*, frígido ; *possesso*, possuído ; *tinto*, tingido ; *surto*, surgido, etc.

O participio *escorreito* de *escorrer* só é usado na locução : *são e escorreito*.

Os nomes em *oso* antes da disciplina classica exerciam a função do participio do futuro em *ando*. Assim, encontram-se exemplos como o seguinte :

Amava muito a *venerosa* castidade.

E. DE AZURARA—144.

Onde *venerosa* devia ser substituído por *veneranda*.

O participio passado tambem se denomina participio *aoristo*.

III.—PARTICÍPIO PRESENTE

O participio presente tem o valor de adjectivo. E' variavel quanto ao numero.

Flôr *odorante*
Flôres *odorantes*

Esta funcção já era propria do latim culto, e muito desenvolvida no latim barbaro.

A derivação verbal dos nomes em *ante*, *ente*, *inte*, muitas vezes transcorreu para a classe de substantivos. São substantivos os nomes *ente* (de *esse*) *tenente* (de *têr*) *sargento* (*seroientem*) *lente* (de *lêr*) *doente* (de *doêr*) *acinte* (scinte, de *scire*, saber) *poente* (de *pôr*) *levante* (de *lever* fr.) *oriente* (*orior*, nascer) etc.

O participio presente tinha a funcção verbal com o complemento equivalente ao do gerundio:

Estabelecente esta regra....
=Estabelecendo esta regra.
Dizente estas cousas.
=Dizendo estas cousas (1)

Este uso começou a desaparecer desde o seculo VX. Não obstante encontram-se ainda hoje alguns vestigios:

Tirante este defeito....
Durante as férias....

(1) Exemplos que occorrem na R. de S. Bento: os quaes *temente* Nostro Senhor; e nostro senhor *complinte* todas estas cousas, etc.; *Apud*. Vieira, *Dicc.* (*Chrest.*)

Que equivalem á syntaxe hodierna :

Tirando este defeito.
Durando as férias.

A's vezes a funcção do participio presente exige o complemento com preposição, como se vê em Fernão Lopes :

« Era muito amigo e *conhecente* d'aquelle Judêo Dom David Negro. »

Chr.—140

E, no mesmo Fernão Lopes, não é rara a confusão do emprego do participio presente com o participio passado.

« Ayres Gómeshavia formoso e bem *parecente* corpo. »

E nas fórmãs de datas:

Dante em Lisboa, março.
=Dada em Lisboa...

IV.—GERUNDIO

Tem o valor de locução adverbial:

Amanhecendo, irei vel-o.
=Quando amanhecer...

Exemplo que exprime o meio:

Estudando, é facil aprender.
=Por meio do estudo.

O gerundivo é mais propriamente a fórma regida de preposição : *em amanhecendo*, *em ficando dia*, etc.

V.— PARTICÍPIOS DO FUTURO

Os participios do futuro são hoje usados como simples adjectivos ou substantivos e são os das seguintes classes:

1. Os participios em *ouro*: *vindouro*, *immorredouro* b que ha de vir, o que ha de morrer,

Estes participios desappareceram no portuguez, deixando apenas os vestigios citados em *ouro*: *vindouro* e *immorredouro*, e mais alguns vestigios em *eiro*:

Carta mandadeira (que se ha de mandar).
Moça casadeira (que se ha de casar).

Na lingua antiga, porém, esses participios existiam em abundancia:

estabelecedouro.
recebedouro, etc.
juros mentideiras. (*In. Alc. I, 175*).

Podem, ainda, ser considerados como participios de futuro os nomes que hoje, aliaz, têm a funcção de substantivos: *logradouro*, *matadouro*, *bebedouro*, *escoadouro*, *suadouro*, *futuro* (do verbo *esse*), etc.

2. Os participios em *undo*: *furibundo*, *iracundo*, etc.

Estes participios são, todos, neologismos importados do latim e do italiano pelos classicos e muito notavelmente por Camões. Citemos: *oriundo*, *sitibundo*, *pudibundo*, *tremebundo*, *iracundo*, etc.

3. Os participios em *ndo*: *reverendo*, *execrando*.

São participios da voz passiva latina; representam neologismos classicos. *Nefando*, *miserando*, *horrendo*, *estupendo*. Muitos delles foram introduzidos na lingua por Camões,

Convém notar que a translação do sentido desviou de categoria a muitos destes principios que passaram a ser substantivos: *prebenda*, *prenda*, *vivenda*, *fazenda*, *addenda*, etc.

LIÇÃO XXXVII

Regras de syntaxe relativas ás palavras invariaveis

As palavras invariaveis são os adverbios, as preposições, as conjuncções e as interjeições. (1)

I.—QUANTIDADE

A quantidade póde ser expressa pelo adverbio ; comeu *muito* ; *assaz* se divertiu.

Junto ao nome o adverbio de quantidade torna-se um simples adjectivo variavel :

Tem *poucas* cousas.
Houve *muitas* delongas.

No seculo XVI, segundo affirma João de Barros na sua *Grammatica*, existia a construcção adverbial :

Pouco de proveito.
Assaz de dinheiro.

E ainda hoje dizemos : *uma pouca de agua* ; *muito de tudo*. A syntaxe quinhentista está obliterada e diz-se vulgarmente ; *pouco proveito*, *bastante dinheiro*, etc.

Na lingua antiga usava-se o adjectivo *melhor* como simples

(1) Seria materia para um volume consignar individualmente os usos de todas as particulas. Notamos os casos mais importantes que offerecem margem á analyse historica da syntaxe vernacula.

adverbio de quantidade. Eis a syntaxe que occorre no Livro de Linh. do Coll. dos Nobres—Cap. *Batalha de Salado* :

«E d'hu elle era a tá hu era El-rei Aboacem ha *melhor* de quatrocentas leguas.» (1) E' do seculo XIV.

II.—COMPARAÇÃO

O uso do comparativo exige os complementos *de, de que, que*: mais bello *do que* prudente; maior *de* todos, etc.

A comparação quando é feita pelo superlativo exige o artigo : o mais bello dos caracteres.

A syntaxe franceza tem sido imitada nos exemplos : o dia o mais claro ; os livros os mais importantes. Este gallicismo é condemnavel, por não ser necessario. A vernaculidade consiste em se dizer : *os livros mais importantes ; o dia mais claro.*

Em alguns casos raros no portuguez e no castelhano, é de notar-se o superlativo relativo de fórma synthetica :

O prudentissimo dos homens.

E' um latinismo (*maximus oratorum*) que já se acha admittido em varias expressões : *a infima das classes ; o minimo dos seres.*

— Exemplos de gráo emphatico encontram-se nos escriptores do sec. XV, nomeadamente em Fernão Lopes : Gente de pé *mui muita*.—Chron. 199.

Um facto importante da syntaxe historica era a construcção do comparativo de *tão* analogo ao processo usual do francez *si... que* :

« E era *assi* alcantilado o lugar do baluarte, *que* as náos tinham ali seu proiz (Barros, II, VII, 8). »

(1) E donde elle estava até o lugar onde estava El-Rei, havia *mais* de 400 leguas.

3.—FÓRMAS CONTRACTAS (1)

Mui exprime o gráo, e *muito* exprime o gráo, e também a quantidade: *muitas e mui distinctas pessoas*.

Tam e quam exprimem qualidade: *tam formoso. Quam* várias são as flôres !

Tanto, quanto, exprimem de ordinario quantidade: *tanto possue, quanto cubiça*.

As fórmis contractas sempre precedem adjectivos: as fórmis completas tornam-se adjectivos e precedem ou podem preceder os substantivos:

Recentemente contrae-se em *recém*.

4.—NEGAÇÃO

Em portuguez, ha duas maneiras de *negação*.

Negação simples.— Indica apenas o contrario da affirmação: *não amo; não estudei a lição*.

Negação reforçada.— Indica a negação, com termos accessorios que a tornam emphatica:

Não vi boia

Não vi nada.

Nem cousa nenhuma.

Não quero, não.

O francez possui os accessorios *pas e point, rien*, etc.

Em portuguez, o accessorio mais curioso da negativa é o adjectivo *nada* do latim *natus* (nascido).

(1) *Apenas* (fr. *apeine*) representa talvez fórmis ellipticas. O castelhamo possui: *a malas penas, a duras penas*, sempre usados por Cervantes.

Usava-se primitivamente a forma *rem nada* (*rem natam* = coisa nascida).

Esta periphrase era usada de varias formas : *cousa nada*, *ren nada* e *homem nado*.

Homem nado não viu isto
= Nenhum homem...

No antigo portuguez, observa-se isoladamente o termo *ren* :

Não digas *ren*.
= Não digas cousa. (1)

No francez antigo, notam-se os dous termos :

Il n'avait vu rien née
(*rem natam*)

O notavel destino desta periphrase fixou a ultimo parte *nada* no portuguez, e a primeira *rien* no francez.

Tambem se exprime a negação por *sem* como infinito :
Foi *sem* se despedir.

Este uso é actualmente puro e vernaculo. Nos seculos XIV e XV a syntaxe era de todo syncretica. A preposição *sem* podia servir de negativa ao gerundio.

Este facto importante é exemplificado largamente na *Chronica* de Fernão Lopes :

« De guisa que fugiram todos, *sem* curando de levar coisa alguma »—290.

« Responderam todos los que presentes eram, dizendo que de todo o que dissera lhes aprazia muito e que assi o entendiam de fazer *sem* lhe declarando porém o Condé, que terra haviam de levar. » (II. p. 15.)

5.—MODO

Os adverbios em *mente* quando occorrem juntos, perdem, excepto o ultimo, aquella terminação. Ex. : Discorreu larga e *profundamente*.

(1) Eis um exemplo do seculo XIV, do Livro de linhagens do Coll dos Nobres, na descripção da Batalha de Salado ; Mays todo esto non lhis valia *ren*.

E' esse uso classico. No entanto, hoje em dia, vae-se generalizando, talvez por influencia franceza, o uso de conservar as terminações : Discorreu *sabiamente, largamente, profundamente.*

6.—PREPOSIÇÕES

As preposições muitas vezes derivam de participios que se tornam invariaveis : *salvo, excepto, etc, durante, etc.*

Alguns permanecem variaveis por não estarem consagrados pelo uso. Por exemplo, *visto, posto, supposto, etc.*

*Vistos os autos,
Postas as razões, etc.*

Seria gallicismo a adopção da syntaxe franceza: *visto* a razão ; *posto* as razões.

Dos participios em *ante* que se tornaram preposições, notemos que eram muito frequentes na lingua antiga e classica :

O rei *embargante, etc.*
Isto *não obstante.*

Vinha, nestes casos, posposto. O castelhano diz : *Deus mediante*, por meio de Deus, com a ajuda de Deus.

Cumpra notar que as preposições compostas de *de* em geral, pedem depois de si nova preposição, ao contrario do que succede com as preposições simples :

Ante Deus.
Deante *de* Deus.
Após a chuva.
Depois *da* chuva.
Traz o bando.
Detraz *do* bando.

A disciplina desse uso tornou-se indispensavel nos escriptos classicos de maior pureza. Mas no periodo antigo da lingua ha exemplos viciosos :

Aquelle que empuxou diante a presença de seu coração o diabo malicioso.

R. de S. Bento—Ap. Vieira.

E' do seculo XIII.

No livro de *Linhagens* do Coll. dos Nobres (*Port. Mon. Hist.*) é frequente o uso de *depois* sem a preposição *de* :

Os Reys que depois *el* veeram.

E no mesmo documento (Vieira—*Dicc.*).

Maria foy virgem *ante* parto e *depos* parto.

A preposição vem sempre seguida do complemento : de *casa* ; para *casa*.

No seculo XIX, em portuguez, como já se notou tambem no castelhano, alguns escriptores têm procurado introduzir o anglicismo, de emprego da preposição sem complemento immediato: Viver *para e pela* patria ; vindo *da*, e mandado *pela* França.

Esta syntaxe não se conforma com a indole da lingua.

7.—USOS ESPECIAES

Des (*de-ex*) como composta de *de*, deve ter o complemento : *Dés de Roma até Pariz*.

Apezar disto, usa-se a fórma contracta frequentemente sem a preposição, quando se segue *que* : *Des que o vi ou desde que o vi*.

De.—Exprime frequentes vezes relação de modo e de maneira : *de* manhoso, *de* geitoso, *de* preguiçoso ; *de* pé, *de* joelhos, *de* cocoras.

Antigamente dizia-se : *em joelhos* (Barros, I, IV, 4) *em cocoras* (II, V, 2) *em calças* (II, I, 6) *em gibão* (id.). Ainda hoje dizemos : *em* camisa, *em* ceroulas, *em* pé.